



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LARISSA WEISSHEIMER  
(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-411

**Entrevistada:** Larissa Weissheimer

**Nascimento:** 29/04/1996

**Local da entrevista:** Caxias do Sul

**Entrevistadora:** Daniela Romcy

**Data da entrevista:** 10/04/2014

**Transcrição:** Bruna Tomaschwski Perla

**Copidesque e Pesquisa:** Suélen de Souza Andres

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 18 minutos e 49 segundos.

**Páginas Digitadas:** 11 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado Suélen de Souza Andres intitulado *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade* produzida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Começo no Handebol; Apoio da família; Auxílio financeiro; Adaptação em uma nova cidade e time; Convocações; Responsabilidades adquiridas com o handebol; Rotina de treinos associada à rotina diária; Visibilidade na mídia; Frustração no handebol; Remuneração de um profissional do handebol; Visibilidade do handebol pela mídia; Handebol amador para profissional; Aconselhamento final.

Caxias do Sul, 10 de abril de 2014. Entrevista com Larissa Weissheimer a cargo da pesquisadora Daniela Romcy para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D.R. – Larissa, quanto tempo você se dedica ao Handebol?

L.W. – Comecei em 2005 na cidade de Capanema, mas nasci em Realeza. Minha família sempre morou em Capanema, no Paraná.

D.R. – Conta um pouquinho da tua história no Handebol, como foi o teu começo, os times que você jogou, como veio jogar aqui na UCS<sup>1</sup>?

L.W. – Comecei em 2005 em Capanema. O município estava ofertando treino de Handebol gratuito, então eu e minha irmã mais velha fomos ver como era, porque não conhecíamos. Começamos a treinar, gostamos e passamos a ir sempre. Mas como minha irmã é mais velha do que eu, ela começou a participar de competições antes que eu. Como eu não podia ir sempre dizia: “Aí eu também quero ir, eu também quero ir.” Depois comecei a conquistar meu espaço e joguei por Capanema até 2010/2011. No mesmo ano joguei um campeonato paranaense pela cidade de Iporã. Em 2012 voltei e joguei em Capanema novamente, ficamos campeãs nesse ano. No final de 2012 eu joguei um campeonato para Foz do Iguaçu. Ano passado me chamaram para jogar em Cascavel, joguei o ano todo lá. No ano passado fui convidada para participar do acampamento da Seleção Brasileira, e lá o Gabriel Citton me viu e fez uma proposta para que eu viesse jogar pela UCS. Hoje estou aqui.

D.R. – A tua irmã ainda joga?

L.W. – Não, parou.

D.R. – Você vive exclusivamente para o handebol ou tu tens outro trabalho?

---

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul.

L.W. – Não, até porque meus pais sempre deixaram livre para mim, não falavam: “Ah, você tem que trabalhar.” Sempre me deixaram livre para ir em busca do que quero, no meu caso o Handebol. No ano passado, por exemplo, fui morar fora de casa e já era meu ano de faculdade. Na minha cidade não tem o curso que queria na faculdade, então teria que sair de casa igual. Então como tive a oportunidade de ganhar, moradia, alimentação, ganhar tudo, ajudou. Mas nunca precisei trabalhar, assim que meus pais pedissem, algo assim, então eu aproveito a oportunidade que eu estou tendo de estar recebendo alguns auxílios aqui e é isso.

D.R. – Quais são os auxílios, vocês ganham uma porcentagem, um valor?

L.W. – É a gente ganha uma ajuda de custo mensal, alimentação, moradia, auxílio médico, remédio, tudo.

D.R. – E tu começasses a fazer a graduação lá em Cascavel?

L.W. – Sim, foi.

D.R. – Tu conseguiste transferência para cá?

L.W. – Sim, só que está sendo bem difícil a minha adaptação, não difícil, mas muito diferente. Lá as matérias não eram separadas, então acabou que, por exemplo, eu estaria no terceiro semestre, mas aqui algumas matérias não bateram com o primeiro semestre de lá, vou ter que refazer algumas matérias aqui, estou pendente nisso. Em Cascavel eu fazia estágio na Clínica de Fisioterapia, aqui não pode. Algumas coisas assim que não bate.

D.R. – Você já teve o benefício do Bolsa Atleta<sup>2</sup>?

L.W. – Então, não sei como funciona aqui no Rio Grande do Sul, mas lá no Paraná é conforme você participa das competições e ganha. Exemplo, o ano que participei, fomos campeãs paranaenses, eu tinha chance de ganhar, mas como fui para Cascavel, e só ganha

---

<sup>2</sup> Programa Bolsa Atleta do Ministério do Esporte.

se continuar na mesma equipe, perdi. O mesmo aconteceu ano passado, joguei por Cascavel, ganhamos. Então teríamos chance de ter a bolsa, mas aí eu vim jogar aqui.

D.R. – Tu já serviste a Seleção Brasileira de Handebol em alguma categoria?

L.W. – Não, mas pretendo futuramente servir [RISOS].

D.R. – Quando que passou do lazer para ser uma coisa profissional, uma coisa que tu tinhas compromisso de treinar, de participar das competições?

L.W. – Então, foi quando eu fui chamada para jogar em Cascavel, porque até então eu estava em casa, era livre, tinha só o treino, não tinha muito compromisso, não tinha a faculdade, era só a escola. Era mais uma diversão, a partir do ano passado, que eu saí de casa e as coisas ficaram mais sérias, até porque a faculdade é mais puxada. Tive que me dedicar bastante aos dois, então foi aí que eu vi que o negócio estava ficando mais sério.

D.R. – Qual a tua atual rotina de treinamento? Qual é a tua rotina aqui?

L.W. – Aqui a gente ganha quatro matérias por semestre para cursar na faculdade. Então estudo nas segundas, quinta de manhã e sexta manhã de tarde. Agora estou procurando um estágio no hospital, porque acabo ficando com muito tempo livre e quero aproveitar, ter mais conhecimento nessa minha área de trabalho também. Mas a rotina de treinamento é segundas, quartas e sextas das oito as dez, terças e quintas academia e treino das quatro as dezoito. Sábado das nove da manhã até as onze.

D.R. – E o resto do sábado e o domingo é livre?

L.W. – É, sábado à tarde e domingo livre.

D.R. – Como é a rotina de vocês nos dias dos jogos? Vocês fazem uma concentração, vocês cuidam mais da alimentação, o treino fica mais fechado?

L.W. – Então, a gente cuida da alimentação diariamente, a gente precisa ter um cuidado melhor. Nos jogos a alimentação continua normal, aquela coisa que você já sabe, já cuida um pouco. Eu não sei como é aqui, mas no ano passado a concentração era largar o celular, música, não podia fazer nada. Nos jogos, focava mesmo, focava na competição, antes do jogo a gente alongava, fazia oração, cantava uma musiquinha, alguma coisa assim entre a gente, para concentrar, focar, conversava o que tinha que fazer, e era isso.

D.R. – Como você vê o interesse do público com o Handebol?

L.W. – Então, o fato de não ser divulgado na mídia faz com que as pessoas não saibam. Um exemplo, em Cascavel no mesmo ginásio em que a gente treinava a tarde Handebol, a noite tinha Futsal. Nos jogos de Futsal cobravam entrada e lotava, nos de Handebol, mesmo sendo jogo da Liga Nacional e entrada gratuita, o ginásio ficava praticamente vazio. A falta de divulgação faz com que o povo não se interessa em ir ver, conhecer. Acaba indo no que já se conhece, no que já sabe. No Paraná o Handebol não é reconhecido. As pessoas que prestigiam, é da família, a família sabe que o filho joga, daí fala para o tio, assim vai indo, mas fora isso não tem muito.

D.R. – Qual que tu considera a tua maior frustração dentro do handebol? E um sonho dentro do handebol?

L.W. – Para mim uma frustração foi em 2011, ia ter a seletiva para a Seleção Paranaense e em um campeonato, antes dessa seletiva, o meu técnico falou: “Você vai estar lá, você tem chances de estar lá. Só que este jogo vai decidir se você vai ir ou não, você tem que jogar bem”. E justamente nesse jogo, joguei muito mal. Aí o técnico falou para mim: “Você vai perder o seu lugar para ela.” Se referindo a outra central do time e foi o que aconteceu. Acabei não pegando a Seleção Paranaense e isso me marcou muito, porque é uma coisa que eu poderia ter conseguido, ter alcançado, porém não alcancei. E um sonho para mim é chegar à Seleção, porque toda atleta, queira ou não, todos os atletas treinam, se esforçam para um dia chegar lá, não é nem pelo reconhecimento, mas por prazer mesmo, por gostar do que faz, por chegar lá.

D.R. – O que tu considera que deveria ser feito no Brasil para que o Handebol tivesse mais visibilidade, fosse mais divulgado, tivesse uma melhor remuneração?

L.W. – Então, a gente até comenta. Uns exemplos, os jogos da Liga da Europa passam na televisão e não tem nada a ver com o Brasil e os jogos da Seleção não passam. O próprio mundial não passou. Se pelo menos passassem amistosos, os jogos mais importantes, se passasse na mídia já seria um começo. O pessoal já teria uma visibilidade maior. O mundial poucas pessoas assistiram, acompanharam, e no final, quando saiu que tinham ganhado, acabaram tendo outra ideia, outra visão. Mas acho que é isso, ter um pouco mais de visão mesmo, aparecer mais na mídia, divulgar mais esses esportes.

D.R. – Para você o que é ser uma profissional do handebol?

L.W. – Então, acho que não caiu a ficha que eu sou uma profissional, até porque eu me acho muito nova. Claro que levo a sério o que faço, tento fazer o máximo por prazer, por diversão, por eu gostar, não uma coisa tão profissional. Porque se não, você acaba se sentindo muito pressionada e acaba perdendo o gosto pelo que faz. Acho que esse negócio de ser profissional você tem que acabar levando no sentido bom da coisa, não aquele profissional que você tem que entrar no clube e ser só aquilo. Você tem que continuar gostando o que você faz, tem que fazer por diversão, tem que aproveitar mesmo.

D.R. – Em que momento que você se deu conta e pensou que poderia viver do Handebol, que poderia ser uma profissão?

L.W. – Ano passado quando eu fui chamada para o acampamento que eu vi: “Nossa tá acontecendo isso mesmo?” Por mais que seja um acampamento, já é um começo. Perceber que tem alguém que me viu, que posso melhora e chegar um dia lá. Então acho que eu já olhei no espelho e é isso que eu quero mesmo, é isso que vou conseguir, vou busca, vou atrás, é isso que eu quero.

D.R. – O que é esse acampamento? Explica um pouquinho.



L.W. – É uma semana de treinamentos, teve dois: um esse ano, no começo desse ano e um no ano passado. No ano passado foi toda a comissão técnica, o Morten Soubak que é o treinador da Seleção adulta, o Alex Aprile e a Dália<sup>3</sup>. O treinamento é uma seleção para dar uma visualizada nas meninas do Brasil. Então, teve meninas que se inscreveram, podia se inscrever no caso e eles fariam uma seleção das inscritas. Só que eu fiquei muito surpresa, porque eu acabei não me inscrevendo e falei: “Se for para ser vão me chamar, se não.” Deixei acontecer. Então, eu fiquei muito surpresa quando fui chamada. Depois fiquei sabendo que o Morten tinha ido ao Paraná, nos Jogos do Juventude, um dos mais importantes. Ele viu alguns jogos e foi selecionando algumas meninas, e deve ter feito isso no Brasil inteiro. Selecionaram noventa meninas para passar uma semana em Blumenau em Santa Catarina no complexo do SESI<sup>4</sup>, treinando manhã, tarde e às vezes jogando a noite. Passaram uma nova forma de marcação que a Seleção está querendo jogar. Esse é o objetivo que eles querem alcançar, então a gente começa a marcar da forma deles. A semana inteira foi o mesmo treinamento, mas que a cada dia acrescentava alguma coisa, então era para a gente ir se adaptando e já vendo uma nova forma de marcar e atacar. A semana foi muito boa, porque tinha vários Estados lá, no caso. Ajudou muito tanto atletas quanto treinadores, pela oportunidade de serem vistos. E no começo desse ano teve novamente, só que o Morten não estava, acho que ele estava na Europa, por causa de um campeonato, mas foi a mesma coisa, mesmo treinamento. Foi uma semana muito intensa, acaba cansando bastante, mas acaba aprendendo bastante e tendo contato com outras pessoas, outros Estados, conhecendo o Brasil inteiro. Quem sabe um dia a gente se encontre jogando, eles acabaram formando essa Seleção juvenil de agora, para o Mundial, primeiro vai ter o Pan-Americano, em Fortaleza, depois vai ter o Mundial.

D.R. – Você foi convocada?

L.W. – Não.

D.R. – O que você falaria para uma menina que esta começando no Handebol agora, que se espelha em vocês jogando aqui, se espelha nas meninas da Seleção? Qual mensagem você deixaria para elas?

---

<sup>3</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>4</sup> Serviço Social da Indústria.

L.W. – Então, eu diria que continuem, porque é um trabalho muito prazeroso, que trás muita alegria apesar de não ser fácil, acho que nenhum esporte é fácil, mas tem que ter muita superação e não pode desistir nunca, por mais que seja muito difícil, que você vai sentir dor, apanhar e bater também, mas continue, porque lá na frente a gratidão é imensa. Por mais que você não chegue numa Seleção um dia, o prazer de você jogar, ganhar, fazer um gol, defender, ajudar o seu time ganhar, ver todo mundo feliz é muito gratificante, sem palavras.

D.R. – Obrigada. Em nome do Centro de Memória do Esporte, agradeço tua atenção.

L.W. – De nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]